

Relato de experiência**A FILOSOFIA E A NOVIDADE DO PENSAMENTO****Vânia Mesquita¹**

Resumo: O presente relato busca introduzir a discussão sobre o filosofar em sala de aula como uma importante possibilidade de fazer emergir do grupo um pensamento novo, construído a partir de uma reflexão aberta a esta novidade latente. Para isso, o professor deve estar ciente de que não é o único detentor do saber em uma sala de aula.

Palavras-chave: filosofia, emancipação, novidade do pensamento.

Introdução:

Tendo como pressuposto teórico-metodológico a proposta de filosofia com crianças, este trabalho tem como objetivo fazer uma breve descrição de como podemos desenvolver, em uma sala de aula, a experiência do filosofar, fazendo desta uma possibilidade de experimentação do pensar enquanto prática emancipadora.

Para tal experiência, utilizamos aqui o material desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “Filosofia para Crianças” (GEPFC – UNESP-Araraquara SP – Brasil), que se compõe de diversos textos que abordam temas filosóficos. Nesta apresentação, partiremos do texto intitulado “Que irritante!...”, de autoria de Paula Ramos de Oliveira, que traz como tema central as relações familiares e que discute também a relação entre adultos e crianças.

Desenvolvemos a experiência com uma sala de aula de terceira série de ensino fundamental, nas vésperas das comemorações do Dia das Mães. O texto foi escolhido em função dos indícios de que os alunos vivenciavam diversos problemas em suas relações familiares. Pensamos, portanto, que o texto seria de grande auxílio para se desenvolver uma discussão filosófica a respeito das relações humanas com as crianças, uma vez que apresenta idéias relacionadas com certos acontecimentos vivenciados nas famílias.

Procuraremos refletir neste trabalho as possibilidades de se desenvolver o pensar em sala de aula, colocando esta prática como passível de uma constante transformação tanto para o docente quanto para os alunos, nos colocando sempre em contato com a novidade do pensamento, bem como com o próprio trabalho em sala de aula. Para tanto, destacaremos os limites e as possibilidades do texto filosófico no trabalho com crianças e também pretendemos discutir até que ponto o uso da literatura é fértil e interessante para o desenvolvimento do pensar.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (FCLAr). Diretora Pedagógica do Colégio San Conrado – Campinas-SP. E-mail: [vaniam.trindade@gmail.com](mailto:vaniem.trindade@gmail.com)

Para que o filosofar com crianças se desenvolva em uma sala de aula, precisamos definir claramente pelo menos três dispositivos básicos: Um texto ou tema filosófico provocativo, os objetivos claros ao se propor o filosofar a partir de tal literatura e um professor disposto à novidade.

Pensando esses três pontos dentro de suas particularidades e inter-relações, percebemos que, em primeiro lugar, temos a relevância e a necessidade de se ter um texto em forma de prosa ou poesia, ou ainda em forma de imagem, música ou vídeo que nos apresente temas filosóficos. Assim, temos maior possibilidade de incitar o início de uma discussão filosófica com crianças. As questões que as crianças podem identificar no texto fazem com que as nossas idéias comecem a caminhar rumo ao desconhecido, à dúvida e às temáticas que, até então, pareciam adormecidas em nossas cabeças.

O filosofar com crianças em sala de aula não é diferente. Primeiramente lemos um texto. Se ele provocou os alunos rumo a alguma questão, ótimo. Se não provocou, nós professores temos essa tarefa de incitar a dúvida diante do que parece dado como pronto. Aqui defendemos a definição de texto em amplo sentido, porém, pensamos na importância maior do uso de textos filosóficos, pois eles carregam a essência do filosofar, que pensamos ser a *provocação* do pensamento.

Pensamos que um tipo de texto que é provocativo (ou filosófico), pode aguçar mais a curiosidade e a imaginação do que um texto que em nada nos incomode.

Foi pensando assim, que surgiram os textos do Grupo de Estudos e Pesquisas de Filosofia pra Crianças (GEPFC), coordenado desde 1998 pela Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira. Esses textos procuram abordar diversos temas e possibilidades para se efetivar uma discussão filosófica em sala de aula.

Mas é importante ressaltar que o texto por si só pode não ser um caminho para a reflexão se não tivermos claros os objetivos que buscamos com ele em uma sala de aula. Podemos levar um ótimo texto cuidadosamente selecionado. Mas este de nada adiantará se o professor não fizer dele um passo, um caminho que objetiva a exploração, a troca e a elaboração de idéias. O propósito de se trabalhar em sala de aula um texto filosófico é uma condição para a criação de um espaço aberto ao filosofar. Antes de mais nada, é condição também que o educador tenha consciência de estar proporcionando a ele próprio e aos alunos um espaço que busca elevá-los ao despertar e ao esclarecimento.

Porém, a questão central que se coloca neste momento é a de que os objetivos do professor que o levaram a escolha de tal texto, precisam necessariamente ser flexíveis. Não há possibilidade de abertura para uma discussão filosófica se os objetivos do professor prevalecerem sobre o interesse dos seus alunos.

Até aqui, falamos do texto e em seguida do objetivo na escolha deste. O último dispositivo seria, portanto, aquele que completa o que consideramos uma prática de filosofar com crianças suficientemente criativa e efetiva. O texto escolhido pode muito bem se relacionar adequadamente com o objetivo do professor. Mas se o professor não estiver disposto ao inesperado, à novidade e ao imprevisto, acaba castrando o ato de reflexão puramente filosófico. Não é esperado que o professor faça do texto e,

consequentemente, de seu plano de atividades, um receituário fechado de questões a serem discutidas. Sequer seria aconselhável objetivar, ao final da aula, que se chegue a um consenso pré-estabelecido ou forçado durante a discussão. O que faz o filosofar existir é a capacidade das pessoas de pensarem a idéia enquanto novidade constante.

Um texto pode trazer determinados assuntos que remetem a outros e outros, conforme a situação no qual se apresenta e conforme as necessidades dos alunos naquele momento. O que nos parece fundamental aqui é explicitar, portanto, a necessidade de se usar o bom senso, o espírito aberto e pronto a percorrer caminhos novos e a rever possibilidades.

Diante desses aspectos rapidamente expostos acima, gostaríamos neste momento de relatar uma experiência que pode ser um retrato mais dinâmico do que pretendemos defender.

Relato:

Em uma escola de periferia do município de Araraquara – São Paulo-Br, lecionei durante dois anos na terceira série do ensino fundamental. No planejamento anual da escola, inseri o projeto de filosofia com crianças no currículo semanal daquela sala de aula, planejando alguns temas e atividades.

Em maio de 2005 estávamos às vésperas da comemoração do Dia das Mães. Decidi naquela semana levar um texto que falasse das relações familiares de um modo geral. Não queria fazer como todos os anos na maioria das escolas e classes se faz quando as crianças decoram uma poesia que diz que sua mãe é linda, boazinha e pronto. Sem reflexão. Com certeza as crianças têm uma visão muito mais realista e crítica de suas famílias do que esses textos prontos criados para se escrever em cartões comemorativos.

Escolhi então trabalhar o texto intitulado “Que Irritante”², de Paula R. de Oliveira (2004a, p.114-116), para assim levar as crianças a refletirem sobre diversos temas ligados à data em questão.

Até aqui tinha definido o primeiro dispositivo - o texto - e o segundo - o objetivo central daquele trabalho. Porém, sem o terceiro dispositivo - que foi denominado como a *disposição à novidade* por parte do professor - nossa experiência filosófica não teria acontecido.

Verifiquei que após a leitura da história as crianças levantaram imediatamente um tópico de discussão que eu, enquanto professora, não havia percebido no texto ou que não julgava fundamental ou ainda, que estava *fora* de meus objetivos iniciais de trabalho.

Assim, um assunto extenso e aprofundado, filosoficamente falando, ocorreu em torno da questão de que, em geral, os adultos não respondem as perguntas das crianças com precisão, não dão atenção a elas e/ou esquivam-se da verdade.

Um aluno rapidamente diz: “Por que os adultos só respondem ‘- *Porque sim!*’, quando perguntamos algo para eles?”

² O texto encontra-se no final deste relato.

Diante desta questão que envolveu toda a classe, o que me restava? Dizer que escolhessem outro assunto a tratar, pois aquele eu não havia planejado e julgado essencial?

Não! Na verdade essas crianças leram o texto além de mim; percebi que elas superaram minha leitura e, diante disso, nada melhor do que render-se ao ato puro do filosofar e secundarizar planos e receitas.

Resolvi então pedir para que cada um voltasse ao seu lugar e escrevesse uma pergunta no papel, sem identificação do nome, para que esta fosse levada a algum adulto para respondê-la. Imediatamente um aluno perguntou: “Mas, se os adultos muitas vezes não nos respondem com verdade, como é que saberemos que as respostas às nossas perguntas serão verdadeiras no papel?”

Algo estava acontecendo. Os alunos queriam entender as diferenças entre a verdade e a mentira e relatar o quanto se sentem marginalizados em relação aos seus questionamentos. Então propus que mesmo assim escrevessem e veríamos depois se as respostas seriam satisfatórias ou não para eles. Faríamos a leitura das respostas dos adultos e eles mesmos refletiriam diante delas, sobre sua validade. Todos aceitaram a proposta.

Cada criança escreveu uma pergunta que, em geral, indagava o mundo de alguma forma. Elas queriam que aquela pergunta fosse respondida com a verdade. Porém, será que elas mesmas tinham o conceito de verdade em seus pensamentos?

Pedi então na semana seguinte que alguns colegas da faculdade respondessem aquelas perguntas das crianças no papel.

Ao voltar para a sala de aula com as crianças, eu disse que havia conseguido diversas respostas às suas perguntas. Ficaram ansiosos para ouvi-las. Mas de que adiantaria ler as respostas? Esse não era exatamente o nosso objetivo. Então perguntei como é que nós saberíamos que aquelas respostas eram verdadeiras.

Assim, instauramos mais um dia de discussões. Agora antes de saberem o que os adultos haviam escrito, eles teriam que refletir sobre os conceitos de verdade e mentira.

Após essa discussão, perceberam que eles mesmos tinham as pistas para as respostas às suas perguntas. Já não viam as respostas dos adultos como o mais importante a ser ouvido e aceito; como um conhecimento pronto e acabado. Eles perceberam que tinham a capacidade de, em conjunto, refletirem sobre suas próprias dúvidas. Ao entrarem em contato *a posteriori* com as respostas dos adultos, não mostraram mais aquele interesse inicial. Na verdade, desde o primeiro dia de discussão, ao final da aula, os alunos nem se lembraram que havia respostas de adultos no papel, pois eles já haviam conversado e refletido entre si sobre o assunto, encontrando várias respostas e questões distintas e ao mesmo tempo, complementares; ouviram idéias diversas de seus colegas que os fizeram pensar mais e mais. Isso os satisfazia.

Coloquei, portanto, nos outros dias algumas perguntas dos alunos na lousa e, a partir delas, levantamos as discussões. Combinamos de início que leríamos as respostas dos adultos ao final da discussão. Porém, a maioria já não via nessa atividade tanta importância quanto antes. Como essa não foi

uma decisão de todos, pois algumas crianças queriam lê-las, decidimos ler as respostas dos adultos ao final da aula. Todos nós verificaríamos se as respostas escritas tinham atingido o nível de nossa discussão ou não, podendo discutir inclusive os conceitos de validade, verdade e mentira nessas respostas dadas pelos adultos.

Assim, passamos da idéia de que os adultos detêm a verdade em relação às crianças sobre questões gerais, para a idéia de que crianças podem também formar seus conceitos sobre as questões que as incomodam, sem necessariamente, recorrer às respostas dos adultos como verdades absolutas, sem questionamento.

Interessante ressaltar aqui que, naquele momento, a dicotomia adultos/crianças parece ter sido suavizada no pensamento das crianças. Durante as discussões, em determinadas questões sobre mentir e dizer a verdade, elas perceberam inclusive que o que diziam ser “coisas de adultos” algumas delas também faziam. Analisaram assim que nem sempre as regras podem ser generalizadas, predeterminadas, com fins em si mesmas e que as crianças muitas vezes carregavam pré-conceitos sobre os adultos. Por exemplo, nessa discussão partiram da pergunta geral “Porque os adultos mentem?”, mas a desenvolveram, posteriormente, conforme o andamento da reflexão coletiva e, assim, surgiram outras idéias/perguntas, tais como: “Se as crianças também mentem como os adultos, por que só condenam os adultos pela mentira?”, “Existem diferentes necessidades para a mentira?”, “A mentira pode ser necessária?”, “A verdade resulta em diferentes conseqüências, boas e ruins.” Qual a importância da verdade?”, “Por que mentimos?”, etc.

Conclusão:

Na verdade, é fundamental ressaltar aqui que o foco de discussão da sala de aula não se desenvolveu como eu havia esperado no debate sobre as relações familiares em si. O que interessava às crianças e as inquietava como questão a ser pensada era o uso da verdade e da mentira/omissão pelas pessoas.

Neste instante percebemos aqui que o objetivo anteriormente pensado ficou longe de ser realizado. Aqueles programas nos quais os professores se agarram a todo custo, nem sempre são os caminhos mais relevantes rumo ao conhecimento significativo.

O plano inicial que desenvolvi para a aula brevemente exposta acima era trabalhar a idéia da data comemorativa do Dia das Mães. Muitos poderiam dizer que o trabalho fracassou diante dos resultados da aula. Mas de qual educação estamos falando? O que almejamos? Queremos desenvolver o trabalho em sala de aula para nós mesmos ou para o conjunto alunos-professor? Vamos continuar muitas vezes sendo transmissores de idéias sem sentido para os alunos ou queremos despertar nossos hábitos de reflexão crítica e criativa?

Discutimos desta maneira, a partir desse relato, a importância de estarmos abertos à novidade do pensamento, tanto adultos (professores) quanto crianças (alunos). O professor que leva o filosofar à sua

sala de aula, precisa estar atento à qualidade do texto escolhido, mas ao mesmo tempo à possibilidade de transcendê-lo, sem necessariamente, buscar o consenso e a homogeneização dos alunos.

Cada pessoa ou grupo tem um olhar sobre o texto lido ou escutado. O meu olhar enquanto educador não é o melhor nem o pior diante do olhar das crianças - é apenas um olhar diante de uma gama infinita de possibilidades. O que se faz necessário diante disso, é que se busque o gosto do provocar e ser provocado pelo filosofar. Aceitar a mudança e aprender com elas novos caminhos é nosso desafio.

Anexo:

- *Algumas perguntas dirigidas aos adultos e escritas pelas crianças no primeiro dia de discussão:*

Por que existe escola?

Por que existe o castigo?

Por que os adultos de vez em quando, não falam a verdade e respondem “Porque sim”?

Por que o mundo é descuidado?

Por que existem muitas casas?

Por que nós crianças não podemos falar tudo o que queremos?

Por que existe política?

Por que as pessoas têm que trabalhar?

Por que os adultos podem tomar sorvete no frio?

- *História trabalhada:*

“Que irritante!”

Paula Ramos de Oliveira

Outro dia eu briguei com meu irmão. Eu o adoro, mas às vezes ele consegue me irritar. O nome dele é Juninho e ele tem três anos a menos que eu. Toda vez que eu chamo minha mãe para falar alguma coisa, o Juninho entra no meio da conversa. Nunca consigo conversar direito com ela. Fico pensando se ele acha que só as coisas dele são importantes. Será que quando eu tinha cinco anos também era chata assim? Duvido.

Meu pai diz que eu tenho ciúme dele. Ora essa... Meu pai tem cada idéia. Será que ele não percebe que não se trata de ciúmes? Será que nem ele nem minha mãe conseguem perceber que eles protegem meu irmão?

Quer ver um exemplo?! Eu te contei que ele se chama Juninho, né? Mas, na verdade, ele se chama Pedro Moraes Júnior. Sim... Agora adivinhe só como é o nome de meu pai! Sim, é o mesmo... Ou melhor, quase o mesmo: Pedro Moraes. Meus pais me contaram que é possível colocar no filho homem o mesmo do que

o do pai – para isto basta colocar Júnior no final. É lógico que eu nunca ia querer ter o mesmo nome que o meu pai, pois sou uma mulher. Então, perguntei para a minha mãe por que eu não poderia ter o mesmo nome dela. Sabe o que ela teve a coragem de me responder?! “Porque não pode fazer isto com os nomes das mulheres.” Oras bolas, carambolas! Que desculpa mais esfarrapada! E não pode por quê? “Porque não; porque é assim que funciona.” Oras, oras...O que será que ela me diria, se eu dissesse para ela “Não vou hoje à escola porque não quero ir e ponto final”?

Os adultos pensam que podem dizer qualquer coisa sem sentido para nós só porque são adultos... Bem, eu disse isto para a minha mãe neste dia. Ai, ela ficou tão brava que você nem imagina. Colocou-me de castigo no quarto e ficou mais brava ainda quando eu falei a ela: “Está vendo? Você está fazendo igual ao que eu disse antes – vai me colocar de castigo sem uma explicação boa para isto.” E completei: “E tem mais: eu nunquinha que ia querer ter o mesmo nome que o sou.” Desta parte eu me arrependi. Sabe por quê? É que embora tivesse dito a verdade sobre o nome, eu tinha feito igualzinho ao que ela fez... Não fazia sentido algum eu dizer aquilo para ela, pois o assunto era outro.

Minha mãe ficou cada vez mais brava. Disse-me que se eu tinha um nome do qual gostava, eu devia isto a ela. Adultos...sempre adultos...Seja como for, é por essas e outras que estou aqui no quarto, de castigo. E ainda de cinco em cinco minutos tenho que agüentar o meu irmão gritando na porta do quarto: “ Bem feito, bem feito, bem feito.” Eu sei que hoje levantei meio de mau humor, mas fala sério: ele não é mesmo muito irritante?! Queria ver só se meu irmão ia ficar de castigo caso tivesse o que fiz. Duvido. Meus pais vivem protegendo o Juninho. Então fico pensando: será que ninguém me dará ouvidos enquanto eu for menina e pequena?

Referências:

OLIVEIRA, Paula Ramos de. *Um mundo de Histórias*. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. *Filosofia para a Formação da Criança*. São Paulo: Thompson, 2004b.